

OS AMIGOS AMERICANOS: BORDERLINE FILMS

AMERICAN FRIENDS: BORDERLINE FILMS

O cinema independente americano tem mostrado, nos últimos anos, uma assinalável pujança, pela diversidade de registros e pelos novos autores revelados ao mundo cinéfilo. O Curtas Vila do Conde tem assinalado essa versatilidade nas suas competições ou até em retrospectivas, como foi o caso de Kelly Reichardt, em 2014. O coletivo constituído pela Borderline Films – de que são fundadores Antonio Campos, Josh Mond e Sean Durkin – é um dos mais entusiasmantes da última década. A unidade interna da sua produção filmográfica e a exploração de questões fundamentais ao mundo contemporâneo fazem dos seus filmes retratos de uma geração. A Borderline foi fundada em 2003 pelos três realizadores, na altura recém-graduados da prestigiada Tisch School of the Arts da New York University. O centro nevrálgico da produtora e dos autores é, portanto, a mega cidade de Nova Iorque. Para além de realizar os seus filmes, cada um dos três produz os projetos dos outros dois.

O trabalho da Borderline e dos seus três realizadores é constituído por curtas e longas-metragens, filmes publicitários e vídeos musicais. No entanto, o primeiro grande destaque da produtora foi também a primeira longa de Antonio Campos: “Afterschool”, em 2008, apresentando uma preocupação com alguns dos problemas centrais da América contemporânea, que seria uma imagem de marca da produtora (o filme teria estreia em Cannes na secção Un Certain Regard). O interesse seria confirmado tanto pelas primeiras obras de Sean Durkin (com “Martha Marcy May Marlene”, 2011, presente também no Un Certain Regard e prémio de realização em Sundance) e Josh Mond (com “James White”, 2015, presente em Locarno), como pela segunda longa de Campos: “Simon Killer” (2012, estreado em Sundance). O conjunto destes filmes tanto estabelece um retrato atual como uma exploração de estudos de personagens, sobretudo adolescentes ou jovens adultos em exploração da sua própria identidade. Foram também porta de entrada ou de crescimento para alguns jovens atores, como Brady Corbet, Ezra Miller, Elizabeth Olsen e Christopher Abbott, entre outros. Para além disso, são filmes que utilizam uma linguagem moderna, em que a cinematografia explora aspetos de género, mas também elementos relacionados com a linguagem publicitária.

Família e solidão

Se algo parece marcar todos estes filmes é, claramente, uma certa ideia de família. Ou antes, de como a família é um lugar de exploração e de combate, onde o afeto é uma busca e uma perda permanente. Lembremos, por exemplo, de “The Last 15”, uma das primeiras curtas-metragens de



ANTONIO CAMPOS, SEAN DURKIN, JOSH MOND

American indie cinema has been remarkably vigorous in recent years, judging by the diversity of registers and number of new directors launched onto the scene. Curtas Vila do Conde has recognised this versatility in its competitions and retrospectives, as in the case of Kelly Reichardt in 2014. The collective that makes up Borderline Films, founded by Antonio Campos, Josh Mond and Sean Durkin, is one of the most exciting to have emerged in the last decade. The internal unity of its film output and the exploration of fundamental questions affecting the contemporary world make its films portraits of a generation. Borderline was founded in 2003 by the three directors, then recent graduates of the prestigious Tisch School of the Arts, New York University. The nerve centre for the producer and its directors is, therefore, the mega city of New York. As well as directing their own films, each one also produces the projects of the other two.

Borderline and its three directors produce short films, feature films, publicity films and music videos. However, its first great success was also Antonio Campos' first feature film, “Afterschool” in 2008, with a focus on some of the central problems of contemporary America that could almost be considered the producer's brand image, (the film also premiered in Cannes in the Un Certain Regard section). This interest was confirmed in the first works by Sean Durkin (“Martha Marcy May Marlene”, 2011, also featured in Un Certain Regard and the winner of the Directing Award at the Sundance Festival) and Josh Mond (with “James White”, 2015, featured at Locarno), and in Campos' second feature film, “Simon Killer” (2012, premiered at Sundance). Together these films not only offer a contemporary portrait of a generation but also individual character studies, particularly of adolescents or young adults exploring their own identity. They have also served as the a of entry or growth for young actors like Brady Corbet, Ezra Miller, Elizabeth Olsen and Christopher Abbott. In addition, they are films that use a modern cinematic language, exploring aspects of gender and issues related to the language of advertising.

Antonio Campos, que é um programa daquilo que será, mais tarde, o foco recorrente do trabalho da *Borderline*: uma família, quinze minutos e uma incapacidade para dialogar ou entender aquelas pessoas que vivem a nosso lado. Para além disso, o filme mostra como, entre eles, impera uma relação financeira (a curta é particularmente feliz em assinalar a monstruosidade da dívida que pesa sobre eles). Aliás, “Buy it now”, realizado dois anos antes por Campos, já mostrava como uma adolescente vivia “fora” da família, mesmo que habitando um mesmo espaço. A vontade de fugir para outro sítio estava já também evidenciada em “Mary Last Seen”.

Se a família é um lugar de violências (em “The Last 15”, um adolescente suicida-se durante um jantar de família), ela provoca, em consequência, algo que atravessa todas estas personagens destes filmes: uma profunda solidão. Mesmo que estejam acompanhados, mesmo que haja ligações fugazes com outros, eles sentem-se profundamente sós, desacompanhados e entregues a um destino imprevisível. Como não sentir essa solidão desde “Buy it Now”, passando por todos os protagonistas das longas? Em “Afterschool”, Robert é um adolescente inteligente e sagaz, mas alheado. Em “Martha Marcy May Marlene”, Martha está literalmente perdida nas suas próprias memórias. Em “Simon Killer”, Simon é um jovem universitário americano que se perde, sozinho, na imensa Paris. Finalmente, em “James White”, James é um jovem adulto sem um rumo definido, vivendo de encontros fugazes numa Nova Iorque contemporânea. São todos protagonistas marcantes – com personalidades idiossincráticas –, mas à procura de uma identidade mais definida. À procura de si, mas raramente se encontrando, ou então encontrando monstros interiores com os quais não conseguem lidar. Curiosamente, todos os estes filmes têm, como título, o próprio nome dos protagonistas, evidenciado a sua importância central no projeto de cinema da *Borderline* (excetuando, é claro, o caso de “Afterschool”). A questão da identidade é marcada mais fortemente em “Martha Marcy May Marlene”, que é, em si, um filme sobre a perda e sobre a procura de ser alguém (o próprio facto de a protagonista ter vários nomes acentua essa carga confusa da identidade pessoal). Nesse filme, o principal objetivo do guru daquela comunidade é subtrair a identidade pessoal às mulheres que ali se encontram, para as diluir numa multidão de semelhantes. Se adicionarmos a essa identidade frágil retratada destes filmes o carácter transitório da adolescência e dos jovens adultos, percebemos que os realizadores estão, realmente, a falar sobre uma nova geração americana.

Generation Gap

O conjunto destes filmes estão muito ligado a uma realidade contemporânea. Essa realidade é aquela que é constituída pela Internet, pela disseminação das câmaras de filmar, pelas novas formas de comunidade. A nova geração sente esta nova realidade como uma naturalidade, criando

Family and loneliness

If these films are all marked by anything in particular, it is clearly a certain idea of family – that is to say, the way the family functions as a site of exploration and combat, where affection is a matter of constant quest and loss. We might recall, for example, “The Last 15”, one of Antonio Campos’s first short films, which set the stage for what would later become the recurrent focus of *Borderline*’s work: a family, fifteen minutes and an inability to enter into a dialogue with, or understand the people we live with. In addition, this film also shows how the family is dominated by financial concerns, successfully depicting the monstrous debt that hangs over them. Indeed, “Buy it now”, made two years earlier by Campos, had already shown how an adolescent lived “outside” the family, even when occupying the same space. The urge to escape to some other place was also evident in “Mary Last Seen”.

If the family is a site of violence (in “The Last 15”, an adolescent commits suicide during a family dinner), the consequence of this is a profound loneliness, something experienced by all the characters in these films. Even when they are in company, even when they manage to forge fleeting bonds with others, they feel profoundly lonely, unaccompanied, left to their own devices and to an uncertain fate. That sense of loneliness permeates all the feature films from “Buy it Now” onwards. Robert, in “Afterschool”, is an intelligent, savvy but alienated adolescent. In “Martha Marcy May Marlene”, Martha literally gets lost in her own memories. In “Simon Killer”, Simon is a young American university student who gets lost, alone, in the immensity of Paris. Finally, in “James White”, James is a young aimless adult who lives off fleeting encounters in contemporary New York. These are all memorable protagonists, with idiosyncratic personalities, in search of a more defined identity. They are searching for themselves, though rarely find it, or instead come up against inner monsters that they cannot handle. Curiously, all these films have the protagonist’s name as their title (except for “Afterschool”, of course), showing their central importance in *Borderline*’s films. The question of identity is most strongly marked in “Martha Marcy May Marlene”, which is, in itself, a film about loss and the quest to be someone (the fact that the protagonist has various names accentuates this identity confusion). In the film, the main aim of the community’s guru is to subtract the personal identity of the women there and water them down into a crowd who are all the same. If we add to that fragile identity the transitory nature of adolescence and young adulthood, we realise that the directors are really speaking about a new American generation.

Generation Gap

These films are also very much connected to a contemporary reality, constituted by the Internet, the spread of film cameras and the new forms of community. The new generation experiences this

um fosso para com a anterior geração, perdida nas novidades do novo século. A distância entre as duas é que potencia o conflito que estes filmes propõem: em “Afterschool”, claramente, Robert está num outro lado moral, que os “adultos” não entendem; Martha, de “Marth Marcy May Marlene”, procura um novo projeto de vida, uma nova forma de se relacionar com o mundo, levando a sua irmã ao desespero (é claro que o novo projeto de vida tem muitas semelhanças com velhos rituais comunitários); em “James White”, James procura todas as formas de evasão possíveis, mas inevitavelmente regressa sempre à sua realidade “velha”, a sua mãe doente.

Não se pode deixar de entender estes filmes sem compreender uma nova compreensão da sexualidade. Toda esta nova geração parece mais livre, mais disposta, mais aberta ao desejo, mas os três realizadores mostram como isso não basta por si só. Estes são filmes, assim, sobre as contradições desta geração, contradições essas potenciadas pela sua relação com o sexo. Os protagonistas masculinos James e Simon são disso um exemplo claro: eles dominam a arte da sedução; eles estão familiarizados com o sexo virtual; mas depois de satisfeito o desejo, sobra apenas uma solidão terrível. Eles são incapazes de se relacionar (e, curiosamente, tanto James como Simon ensaiam relacionamentos mais duradouros, mas que rapidamente são quebrados por outras relações mais superficiais). Esse carácter patriarcal é acentuado, sobretudo, através da “naturalidade” com que Martha é violada, em nome de algo superior, de uma “purificação” em reverso. A relação entre o desejo, o sexo e o prazer está evidente na forma descomplexada como os realizadores filmam várias cenas de sexo em cada uma das histórias.

Os géneros em suspenso

Para conseguir trabalhar esta excitação de ser jovem e solitário num mundo contemporâneo, os três realizadores adotam algumas estratégias cinematográficas semelhantes. Por um lado – e talvez o lado mais importante –, há uma utilização intensiva das regras do ‘thriller’ e do ‘suspense’, permitindo que os filmes estejam em tensão constante. O espectador fica dentro de uma claustrofobia do pensamento das personagens (é revelador, neste sentido, o lado visual dessa claustrofobia que “1009” – a primeira curta de Josh Mond – expõe) e vive com intensidade a sua deriva emocional. No caso de Antonio Campos e Sean Durkin, isso é mais notório através dos planos longos e da intensa utilização do ‘zoom’, provocando um efeito de distanciamento, mas também de estranheza. As suas longas-metragens são narrativamente lentas, onde parece que, a qualquer momento, algo vai acontecer (e, nesse sentido, partilham alguma da linguagem do cinema independente americano dos anos 2000). Por seu lado, Josh Mond é mais frenético, encostando a sua câmara em James, o protagonista, para nos obrigar a sentir o mesmo que ele, isto é, a forma como ele sente tudo à flor da pele. Um durão sensível e desesperado.

new reality as natural, something that divides them from the previous generation, which is lost in the novelties of the new century. The gap between the two is what drives the conflict in these films: in “Afterschool”, Robert is clearly on another moral plane that the “adults” do not understand; Martha, of “Martha Marcy May Marlene”, seeks a new life project, a new way of relating to the world, driving her sister to despair (the new life project clearly has many similarities with old community rituals); in “James White”, James seeks all possible forms of evasion but inevitably returns always to his “old” reality of a sick mother.

We cannot understand these films without grasping the new concept of sexuality that pervades them. This new generation seems freer, more available, more open to desire, but the three directors show how this is not enough in itself. These are thus films about the contradictions of this generation, contradictions manifested in their relationship with sex. The male protagonists, James and Simon, are a clear example of this: they have mastered the art of seduction and are familiar with virtual sex, but find that after the desire is satisfied there remains only a terrible loneliness. They are unable to relate (and curiously both James and Simon try out steady relationships which are rapidly destroyed by other more superficial entanglements). This patriarchal character is above all accentuated by the “naturalness” with which Martha is raped in the name of something superior, some kind of “purification” in reverse. The relationship between desire, sex and pleasure is evident in the straightforward way in which all the directors film various sex scenes in each story.

Genders in suspension

The three directors adopt similar cinematographic strategies to explore the excitement of being young and alone in the contemporary world. Most importantly, there is intensive use of the rules of the “thriller” genre and of “suspense” that keeps the films in a state of constant tension. The viewer is claustrophobically inside the character’s thoughts (Josh Mond’s first short film, “1009”, shows the visual side of this claustrophobia particularly vividly) and experiences the character’s emotional drift intensely. In the case of Antonio Campos and Sean Durkin, this is most evident in the long shots and the intense use of ‘zoom’, which gives an effect of distancing, and also estrangement. His feature films are slow from a narrative perspective, where it seems that at any moment something is going to happen (in this sense, they share some of the language of indie cinema from the ‘noughties’). Josh Mond, for his part, is more frenetic, placing his camera on James, the protagonist, so that we are forced to feel as he does and understand how he feels everything in his guts – a sensitive and desperate tough guy.

Looking at this world, “Martha Marcy May Marlene” of course occupies prime position in the subversion of gender, as the whole narrative structure derives from thrillers: the camera watches Martha,

Ao olhar para este universo, é claro que “Martha Marcy May Marlene” aparece em lugar de destaque na subversão de gêneros, já que toda a sua construção narrativa deriva de um filme de terror: a câmara olha para Martha, mas não nos deixa ver o que está à sua volta. Até que o telefone toca, lembrando outros telefones e outros filmes... Parece evidente que Sean Durkin sabe que nós aprendemos a lição e joga com as nossas expectativas a todo o momento. Mas também Antonio Campos deixa a tensão crescer a partir da solidão das personagens no plano ou dos seus comportamentos aparentemente estranhos. Para os três autores, as suas personagens são pessoas normais do mundo de hoje. São todos eles personagens que lutam contra o ‘status quo’, ainda que de uma forma anárquica e moralmente questionável. Mas é o mundo à sua volta que continuamente os deixa desamparados. O mundo procura uma “normalidade” que já não vai mais existir (e, para isso, veja-se qualquer um dos finais destas longas-metragens: são finais inconsequentes, porque não há hipótese de ser de outra forma).

América, Século XXI

A tradição do cinema independente parece completamente apreendida por estes três amigos. A sua preocupação parece ser entender esta nova América, de que eles fazem também parte. Isso vê-se, sobretudo, pela pertinência dos temas que utilizam (violência escolar; sexo pela Internet; a omnipresença do vídeo; as comunidades ecologicamente sustentáveis que se transformam em seitas; o cancro, essa doença contemporânea). Nesse sentido, eles partilham características temáticas e uma vontade discursiva de falar sobre os novos modos de vida da sociedade de consumo. Não parece que eles tenham um ponto de vista moral sobre o assunto: tal como os seus protagonistas, eles mostram o paradoxo, a contradição, bem explícitos na relação entre as personagens. Neste mundo destas histórias não há heróis: há adolescentes e jovens à procura de um futuro que, para eles, é de certa forma evidente, mas que é olhado de lado pela geração anterior.

Josh Mond, Antonio Campos e Sean Durkin construíram, a partir dos seus filmes e na sua *Borderline*, um corpo de filmes coerente que prima por uma unidade temática e cinematográfica muito concreta. Eles são retratos de uma certa América, que é sincera na sua contradição, mas que, por ser sincera, nos deixa desamparados. O que há depois do prazer? O que há depois da inocência? Para os três, parece não restar nada mais do que uma profunda solidão.

Daniel Ribas

but doesn't allow us to see what is around her... until the telephone rings, evoking other telephones and other films... Sean Durkin clearly knows we have learned our lesson and he plays with our expectations throughout. But Antonio Campos also lets the tension rise from the characters' solitude in the shot or from their apparently strange behaviour. For these three directors, their characters are normal people in today's world. They are all characters that fight the “status quo”, if in an anarchic and morally questionable manner. Yet it is the world around them that is constantly leaving them helpless. The world seeks a “normality” that no longer exists (and for this reason we only have to look at the end of any one of these feature films: they are inconsequential endings because they could not be anything else).

America, 21st Century

These friends seem to have fully grasped the indie cinema tradition. Their concern seems to be to understand the new America to which they belong. This can be seen particularly in the pertinence of the themes that they use (school violence; Internet sex; the omnipresence of video; ecologically sustainable communities that turn into sects; cancer, the contemporary illness), and in this sense, they share thematic characteristics and a discursive desire to speak about the new lifestyles of the consumer society. They do not seem to be taking a moral stance on the matter: like their protagonists, they show the paradoxes, the contradictions, which are explicitly drawn in relation to the characters. In the world of these stories, there are no heroes: there are adolescents and young people searching for a future which, for them, is evident in a way, but is seen from the perspective of the older generation.

Josh Mond, Antonio Campos and Sean Durkin have built up a corpus of coherent films with a concrete thematic and cinematographic unity. They are portraits of a particular America, which is sincere in its contradiction, but which, in being sincere, leaves us helpless. What is left after pleasure? What is left after innocence? For these three, there seems to be nothing more than a profound loneliness.